

- Projeto de Pós-Doutorado -

Departamento de Filosofia
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

**As noções de *veritas* e *ens* nas
Quaestiones super Metaphysicam I-VI (ms. Escorial, h.II.1)
atribuídas a Henrique de Gand (a. 1240-1293)**

Supervisor:

Prof. Dr. José Carlos Estêvão (USP)

Pesquisador:

Dr. Gustavo Barreto Vilhena de Paiva

Sumário:

| | |
|--|--------|
| 1. Apresentação..... | pág. 1 |
| 2. O estado atual da pesquisa sobre as <i>Qq. super Met.</i> (ms. Escorial, h.II.1)..... | 2 |
| 3. A noção de <i>veritas</i> em <i>Qq. super Met.</i> (ms. Escorial, h.II.1)..... | 6 |
| 4. Justificativa e objetivo do projeto..... | 12 |
| 5. Plano de desenvolvimento do trabalho..... | 13 |
| 6. Bibliografia fundamental..... | 14 |
| 6.1. Manuscritos utilizados..... | 14 |
| 6.2. Bibliografia primária impressa..... | 14 |
| 6.3. Crônicas e catálogos medievais ou modernos..... | 14 |
| 6.4. Bibliografia de apoio..... | 15 |

1. Apresentação:

No manuscrito Madri, Biblioteca del Escorial, h.II.1, ff. 1ra-73rb, lemos uma série de questões que constituem um comentário aos livros I a VI da *Metafísica* de Aristóteles¹. Na margem inferior do fólio 1r, lê-se “*questiones Magistri Henrici de Gandavo super Metaphysicam Aristotelis*”². Tal título e atribuição são registrados por

¹ Para descrições do manuscrito, cf. ANTOLÍN, 1911, pp. 303-5; DUIN, 1954, pp. 154-8, 206-7; DONDAINE & SHOONER, 1967, pp. 289-90; ZWAENEPOEL, 1974, pp. 7-11; MACKEN, 1979, vol. 1, pp. 253-9; PORRO, 2002, pp. 513-6; GALLE, 2003, pp. 42*-43*, 87*, 113*-114*. Cf. tb. MACKEN, 1974, p. 290a.

² Note-se que a caracterização do texto como um conjunto de questões disputadas não contradiz em nada sua descrição como um ‘comentário’ à *Metafísica* de Aristóteles, uma vez que tal conjunto se compõe precisamente de questões suscitadas pela leitura desta obra, ordenadas de acordo com a sucessão de temas que o comentador vê surgirem nesta última. Tal proposta fica bem clara nas linhas iniciais do texto: “Circa istam scientiam methaphysicam multa posset queri, utrum scilicet de ente scientiam posset esse et multa alia. Sed quia per intentionem ista prosequuntur in isto libro, ideo de istis supersedeamus et queramus de

aquilo que Martin Grabmann (1928, pp. 71-2) descreve como uma “mão muito recente [von ganz junger Hand]”. Ou seja, se tal anotação nos fornece um bom título de trabalho – *Quaestiones super Metaphysicam Aristotelis (Qq. super Met.)* –, ela não é evidência suficiente para uma atribuição irrestrita de tal obra a Henrique de Gand (a. 1240-1293). Provavelmente devido à ausência de uma atribuição certa, poucos foram os trabalhos histórico-filosóficos dedicados a tais questões. No que se segue, proponho como projeto de pesquisa um estudo da noção de verdade nessas *Qq. super Met.* VI, qq. 20-24 (321-325)³. Antes, porém, cumpre expor o estado atual das considerações acerca desse problemático texto.

2. O estado atual da pesquisa sobre as *Qq. super Met.* (ms. Escorial, h.II.1):

Já na primeira metade do século XIV, Henrique de Herford menciona Henrique de Gand como autor de um escrito sobre a metafísica: “*scripsit etiam ejusdemmodi de quolibet 15, et super metaphysicam*”⁴. Nisso é seguido, no século XV, por João Tritêmio (1494, ff. 73v-74r) e, já no século XVI, por Tiago Felipe Bergomense (1503, f. 325v), Conrado Gessner (1545, f. 310r) e pelo *Index* de Guilherme Carnificis e João Bunderius, segundo a reconstrução desse catálogo proposta por Paul Lehmann (1959², p. 338)⁵ – os quatro atribuem a Henrique de Gand um escrito “*in Metaphysicam, libri 14*”. Atribuição semelhante ressurge, agora no século XVII, nos catálogos de Antônio Possevino (1606, vol. 2, p. 10), Roberto Belarmino (1622², p. 263)⁶, Valério André (1623, p. 380), Antônio Sanders (1624, p. 55), Francisco Sweertius (1628, p. 328). Por fim, no século XVIII,

prima propositione ipsius, qua dicit hanc scilicet ‘omnes homines natura scire desiderant’ <...>” (ms. Escorial, f. 1ra, ll. 1-5). Como vemos, o autor se propõe a levantar e resolver questões, na medida em que elas sejam suscitadas pela letra da *Metafísica* de Aristóteles. Sobre a complexa relação entre ‘questão disputada’ e ‘comentário’, enquanto gêneros de escrita, no século XIII, cf. PUNTA, 1998.

³ Ms. Escorial, h.II.1, ff. 72ra, l. 27 – 73rb, l. 16. A referência a trechos das *Qq. super Met.* será sempre feita, primeiro, pela indicação do livro (o comentário se divide em seis livros), seguido da contagem das questões a partir do começo de cada livro e, por fim, entre parênteses, adicionaremos a contagem contínua de questões. Isso será feito para que o leitor possa tanto se referir à enumeração contínua das questões proposta por Raymond Macken com base na listagem de Raymond-Marie Giguère (cf. MACKEN, R. 1979, vol. 2, pp. 1073-96), como também ao método de numeração a partir da divisão em livros utilizado (junto à numeração contínua) em PORRO, 2002.

⁴ Henrique de Herford, *Liber de rebus memorabilius* (ed. Potthast, p. 213). Cf. EHRLE, 1885, p. 400, nt. 1.

⁵ Cf. tb. MACKEN, 1979, vol. 2, p. 1096.

⁶ Sublinhe-se que a atribuição do escrito *in Metaphysicam* a Henrique de Gand surge somente na segunda edição do *De scriptoribus ecclesiasticis* de Belarmino, não sendo encontrada na primeira edição da obra (1613, p. 379-80).

encontramos tal atribuição em João Francisco Foppens (1739, p. 445a)⁷. Mesmo assim, ainda no século XIX, não era conhecido nenhum manuscrito que contivesse tal escrito. Dessa maneira, autores como François Huet (1838, pp. 78 e 82), Franz Ehrle (1885, p. 400) ou Maurice de Wulf (1894, p. 23) ainda mencionavam tal atribuição sem qualquer referência a uma base manuscrita. Essa situação se modifica a partir de 1900, quando o mesmo Wulf publica a sua *Histoire de la philosophie médiévale* (1900, p. 295, nt. 1), onde aponta (sem indicação precisa) a existência de um manuscrito na Biblioteca do Escorial que conteria um conjunto de *Quaestiones super Metaphysicam Aristotelis* atribuídas a Henrique de Gand⁸. É possível que tal atribuição tenha tido por base os catálogos de manuscritos produzidos em fins do século XVI pela própria Biblioteca do Escorial⁹. No entanto, para encontrar uma indicação precisa do manuscrito a que Wulf se

⁷ Possevino, Belarmino e Sanders, embora atribuam a Henrique de Gand um escrito *in Metaphysicam*, omitem a referência aos “*libri 14*”, diferentemente dos outros catálogos aqui citados.

Além disso, note-se que nenhum dos bibliógrafos ou cronistas citados oferece um *incipit* desse pretendo comentário à *Metafísica* de Henrique de Gand. Particularmente interessante é que Conrado Gesner não cite um *incipit* do escrito *in Metaphysicam* atribuído a Henrique, uma vez que ele afirma na penúltima página da *Epistola Nuncupatoria* a sua *Bibliotheca Universalis* (1545, não foliado) haver consultado o catálogo da biblioteca (ou a própria biblioteca) de Diego Hurtado de Mendoza em Veneza (cf. LEHMANN, 1959², p. 311). Ora, justamente dessa biblioteca provém o ms. Escorial, h.II.1, onde se encontram as *Qq. super Met.* que aqui nos interessam (cf., adiante, a nota 9), atribuídas no próprio manuscrito, como notado, a Henrique de Gand por uma mão tardia. Teria Gesner tido contado com esse manuscrito? Embora isso seja possível, manuscritos latinos não parecem ter sido o foco de sua pesquisa na biblioteca de Dom Mendoza, uma vez que, na referida *Epistola Nuncupatoria*, ele insere tal biblioteca entre as “Bibliotecas italianas munidas de livros gregos [*Bibliothecae Italicae, Graecis libris instructae*]” a que ele teve acesso. Ou seja, Gesner parece ter consultado a biblioteca de Dom Mendoza com particular interesse em seus fundos gregos e não latinos.

Por fim, é preciso enfatizar fortemente que a listagem de catálogos e crônicas aqui oferecida não almeja, de modo algum, esgotar a enorme bibliografia deste tipo produzida até o século XVIII. Nosso objetivo aqui é, tão somente, mostrar a continuidade da atribuição a Henrique de Gand de um comentário à *Metafísica* de Aristóteles desde o século XIV até o XVIII. Para mais informações sobre a bibliografia catalográfica moderna, cf. o fundamental LEHMANN, 1959² e os comentários sobre esse artigo em SILVESTRE, 1961 e 1965.

⁸ É curioso notar que a referência à biblioteca do Escorial como instituição possuidora do manuscrito em questão ainda surge em todas as edições da *Histoire de la philosophie médiévale* de Maurice de Wulf até a quinta (1905², p. 390, nt. 1; 1909³, p. 363, nt. 3; 1912⁴, p. 445, nt. 1; 1925⁵, t. 2, p. 55, nt. 4), porém ela desaparece na edição seguinte. Assim, na sexta edição do livro (1936⁶, t. 2, pp. 297-8), lemos apenas que há *Quaestiones super metaphysicam Aristotelis* de Henrique de Gand em manuscrito, porém não encontramos qualquer referência à biblioteca do Escorial. Dever-se-ia tal mudança ao fato de, entre uma edição e outra – mais precisamente, em 1933-4 –, Palémon Glorieux haver publicado seu *Répertoire des maîtres en théologie de Paris au XIII^e siècle*, no qual, em referência às *Qq. super Met.*, erroneamente cita nosso ms. Escorial, h.II.1, como pertencente não ao Escorial, mas à Biblioteca Nacional de Espanha, em Madri (t. 1, 1933, p. 388e)? Sobre o erro de Glorieux, cf. ZWAENEPOEL, 1974, p. 7, nt. 1; e MACKEN, 1979, vol. 1, p. 259.

⁹ Dois desses catálogos são importantes para nós. Em primeiro lugar, o *Index alphabetico digestus ordine...*, conservado no ms. Escorial, H.I.5, produzido em fins do século XVI (provavelmente, sob a direção do bibliotecário José de Sigüenza) e editado por Guillermo Antolín. Nele, lemos a entrada “Henricus de Gandauo Archidiaconus Tornacensis in Metaphysicam Arist.”, acompanhada dos antigos n^{os} de chamada do ms. Escorial, h.II.1 (ANTOLÍN, 1923, p. 395). A existência da referência às *Qq. super Met.* nesse catálogo é notada por MACKEN, 1979, vol. 1, pp. 258-9 e PORRO, 2002, p. 515. Sobre o ms. Escorial, H.I.5, cf. ANTOLÍN, 1911, p. 412; e ANTOLÍN, 1923, p. 331.

Além disso, porém, uma referência a nossas *Qq. super Met.* que, até onde pude verificar, não foi

refere, precisamos esperar o catálogo de Guillermo Antolín (1911, pp. 303-5), onde o manuscrito que conteria as *Quaestiones super Metaphysicam* de Henrique de Gand surge descrito sucintamente e catalogado sob o nº de chamada ms. Escorial, h.II.1. Nesse momento, o problema da ausência de um manuscrito correspondente à atribuição de um escrito *super Metaphysicam* a Henrique de Gand dá lugar à especulação sobre a autenticidade ou não de tal atribuição, lida no próprio ms. Escorial, h.II.1, f. 1r, lembremos.

Como já mencionado, o principal problema relativo a tal atribuição é seu caráter tardio com relação à própria lição das *Qq. super Met.* que lemos no ms. Escorial, h.II.1, ff. 1ra-73rb. De fato, ainda na década de 1920, surge o já referido texto de Martin Grabmann (1928, pp. 70-98), onde se aponta o caráter recente dessa atribuição. Porém, nesse texto, Grabmann também busca (quicá devido mesmo à própria fragilidade de tal evidência) complementar e confirmar tal atribuição por um estudo comparativo da noção de *veritas* encontrada nas *Qq. super Met.* do ms. Escorial, h.II.1 e da noção de *veritas* que lemos nas diversas obras tidas como autenticamente atribuídas a Henrique de Gand, em particular sua *Suma*, mas também seus *Quodlibeta*¹⁰. Retornaremos mais cuidadosamente aos comentários de Grabmann no próximo item deste projeto.

Como se vê, a partir de Martin Grabmann, o problema colocado pela leitura de nossas *Qq. super Met.* passa a ser aquele de sua atribuição a Henrique de Gand ou, pelo menos, aquele da comparação entre elementos chave do conteúdo delas e o tratamento

recentemente notada é aquela que surge no *Catálogo de los libros escritos de mano de la Librería Real de S. Lorenzo escrito por mandato de Su Magestad. Año 1577. Es la segunda parte*. Devo essa referência ao Sr. José Luiz del Valle Merino, diretor da Real Biblioteca del Monasterio del Escorial, a quem deixo expressos meus sinceros agradecimentos não somente por trazer tal texto a meu conhecimento, mas também por me haver fornecido a digitalização do trecho em questão. Pois bem, tal catálogo compõe o ms. Escorial, X.I.17, em cujo f. 37r, lemos a entrada: “Henrici de Gandau quaestiones in metaphysica folio” (sobre o catálogo, cf. ANTOLÍN, 1910, pp. xlviii-xlix; e CUEVAS, 1924, p. xliii). A importância desse catálogo, a meu ver, está no fato de ele poder ser datado com precisão no ano de 1577. Ora, o ms. Escorial, h.II.1, foi legado à Biblioteca do Escorial em 1575 pelo aristocrata humanista Diego Hurtado de Mendoza (1503-1575) – cf. ANTOLÍN, 1911, p. 305; ANTOLÍN, 1923, pp. 127-33, 135-6; MACKEN, 1979, vol. 1, p. 258; PORRO, 2002, p. 515. Sendo assim, este catálogo de 1577 é um dos primeiros registros datáveis com certeza da existência de nossas *Qq. super Met.* como parte dos fundos da Biblioteca do Escorial. Por fim, note-se que, nele, a referida entrada, com exceção da palavra “folio”, se encontra riscada e associada (aparentemente, por uma mão posterior) ao nº “518”, em algarismos arábicos na marg. esquerda, também riscado. Segundo informa o citado Sr. Merino em correspondência, há diversas correções desse tipo no decorrer do catálogo – elas seriam, provavelmente, fruto de alterações produzidas nas obras catalogadas no decorrer da história da biblioteca.

¹⁰ Sobre a *Suma*, os 15 conjuntos de *Quodlibeta* e as demais obras hoje tidas como certamente atribuíveis a Henrique de Gand, cf. WILSON, 2011. Para um resumo de toda a problemática envolvendo o estabelecimento da listagem das obras autênticas de Henrique e sua cronologia, cf. LAARMANN, 1999, pp. 33-52.

recebido pelos mesmos temas na *Suma* e nos *Quodlibeta* de Henrique. Desde então, porém, poucos foram os trabalhos dedicados a uma leitura atenta das *Qq. super Met.*¹¹.

Entre estes últimos, podemos enumerar um trecho de um livro de Albert Zimmermann (1998, pp. 235-50), onde se propõe uma comparação entre a temática do *subiectum* da metafísica tal como desenvolvida nas *Qq. super Met.* do ms. Escorial, h.II.1 e tal como desenvolvida na *Suma* de Henrique de Gand, deixando, porém, em suspenso o problema da atribuição das *Qq. super Met.* a este último. Além disso, poucos anos depois, Pasquale Porro (2002) publica um artigo mais abrangente, onde busca resumir a posição adotada por Grabmann (pp. 516-26), e prosseguir com a comparação proposta por Zimmermann, de maneira a estendê-la não somente ao problema do *subiectum* da metafísica (pp. 530-45), mas também às temáticas da noção de ser, com ênfase na distinção do par *si est* e *quid est* (pp. 545-52), da divisão e classificação das ciências (pp. 552-60) e da doutrina da subalternação das ciências (pp. 560-70)¹². De sua parte, Porro conclui que “as *Quaestiones* sobre a *Metafísica* do Escorial parecem, todavia, apresentar, postas em confronto com as obras autênticas de Henrique, afinidades doutrinárias suficientes para sugerir sua inclusão no projeto dos *Henrici de Gandavo Opera Omnia*”¹³ (p. 573). Apesar dessa afirmação, como se vê, Porro não se compromete com uma atribuição definitiva da obra a Henrique de Gand¹⁴.

¹¹ Entre as rápidas remissões a elas, podemos destacar PAULUS, 1938, p. xviii, nt. 4, CAFFARENA, 1958, p. 24, nt. 41 e p. 271 (onde Caffarena afirma considerar a atribuição das *Quaestiones* a Henrique de Gand como “*bastante dudosa*”), BATAILLON, 1960, p. 164, nt. 284 (que toma por base o referido texto de Caffarena, com ele afirmando concordar) e LAARMANN 1999, p. 44 (onde se diz que tal atribuição é “improvável [*unwahrscheinlich*]”).

Por outro lado, nossas *Qq. super Met.* são atribuídas a Henrique de Gand em catálogos como: o já citado ANTOLÍN, 1911, p. 303; GLORIEUX, t. 1, 1933, p. 388e (cf. nota 8, acima); GRUBBS, 1935, p. 40; LOHR, 1968, p. 223 (a atribuição a Henrique de Gand não é revista nas adições e correções lidas em LOHR, 1972, p. 121).

Além disso, na segunda metade do século XX, John P. Zwaenepoel (1974), publicou sua edição do comentário ao *Livro das Causas* que, em nosso manuscrito, se segue às *Qq. super Met.* (cf. ms. Escorial, ff. 74ra-89va). Como ele explica no prefácio ao texto, o comentário por ele editado foi frequentemente, por extensão da atribuição tardia das *Qq. super Met.*, também posto sob a autoria de Henrique de Gand. Tal atribuição, porém, não é acompanhada pelo editor, que prefere manter em suspenso o problema da autoria do texto que edita (cf. ZWAENEPOEL, 1974, pp. 15-9). Sobre esse comentário ao *Livro das Causas*, cf. tb. ZWAENEPOEL, 1959; MACKEN, 1979, vol. 2, p. 1097; e PATTIN, 1996, pp. 125-6.

¹² Ainda sobre o *subiectum* da metafísica e sua relação com as demais ciências em nossas *Qq. super Met.*, cf. PICKAVÉ, 2007, pp. 372-4; e PICKAVÉ, 2008, p. 198-9.

¹³ “<...> le *Quaestiones sulla Metafísica dell'Escorial sembrano comunque presentare, messe a confronto con le opera autentiche di Enrico, affinità dottrinali sufficienti a suggerirne l'inclusione nel progetto degli Henrici de Gandavo Opera Omnia*”.

¹⁴ Esse artigo de Porro é cuidadosamente discutido por Martin Pickavé (2007, pp. 369-74). Este último, de sua parte, adiciona mais uma dificuldade à discussão acerca da atribuição de nossas *Qq. super Met.* Com efeito, como lembra Pickavé, não se pode dirimir tal questão simplesmente pela enumeração de concordâncias ou discrepâncias entre as *Qq. super Met.* e as obras ditas autênticas de Henrique de Gand, uma vez que Henrique foi um autor muito influente em seu tempo. Assim, ainda que se defenda uma data

Esse posicionamento nos traz a um último tema a ser abordado neste item, a saber, a questão da edição do texto. As 325 questões levantadas nas *Qq. super Met.* do ms. Escorial, h.II.1, permanecem, em sua enorme maioria, inéditas. Somente Pasquale Porro (2002) se dedicou à edição de algumas das questões¹⁵. E, não obstante, Raymond Macken reserve largo espaço à consideração das *Qq. super Met.* e o manuscrito que as contém em sua monumental *Bibliotheca Manuscripta Henrici de Gandavo* (1979, vol. 1, pp. 253-9 e vol. 2, pp. 1073-96), os volumes mais recentes dos *Henrici de Gandavo Opera Omnia* não mencionam nas listagens finais da série completa qualquer volume em preparação dedicado a tal obra¹⁶.

Feita esta introdução ao estado atual de pesquisa a respeito de nosso texto, passemos à proposta de trabalho teórico. No que se segue, não havendo consenso com respeito ao compositor da obra e não tendo por objetivo comprometer-me com tal questão, pretendo me referir a ele simplesmente como ‘o Autor’, no que acompanho Pasquale Porro (2002).

3. A noção de *veritas* em *Qq. super Met.* (ms. Escorial, h.II.1):

Como mencionei acima, o único estudo existente acerca da noção de ‘verdade’ em *Qq. super Met.* é aquele de Grabmann (1928), retomado e reconstituído mais recentemente por Porro (2002). Nesse estudo, como também já foi sublinhado, o interesse de Grabmann é, principalmente, estabelecer um paralelo entre a noção de ‘verdade’ lida em *Qq. super Met.* e aquela que podemos encontrar nas obras tidas como autênticas de

de composição das *Qq. super Met.* que permita tal atribuição, ainda que haja aproximações possíveis entre as *Qq. super Met.*, de um lado, e a *Suma* e os *Quodlibeta* de Henrique, de outro, nada impede que o autor de nossas *Qq. super Met.* seja um pensador influenciado por Henrique de Gand, mas não o próprio Henrique: “Es ist bekannt, dass Heinrichs Lehren auf seine Zeitgenossen einen großen Einfluss ausgeübt haben. Das theologische Schrifttum des ausgehenden 13. und des beginnenden 14. Jahrhundert ist voll von Kritik, aber auch von Anspielungen und von Übernahmen heinrichscher Positionen. Was spricht dagegen, einen ebenso großen Einfluss auf das mehr philosophische Schrifttum anzunehmen? Warum soll Heinrich von Gent nicht auch auf die Kommentarliteratur gewirkt haben?” (PICKAVÉ, 2007, p. 374). A relação entre os artigos de Porro e Pickavé é notada por Theo Kobusch (2011, p. 309).

¹⁵ Eis a listagem das questões editadas por Porro, seguidas da paginação do artigo deste último em que são dadas a público: *Qq. super Met.* IV, q. 1 (119), pp. 575-8; IV, q. 2 (120), pp. 579-80; IV, q. 3 (121), pp. 580-6; IV, q. 4 (122), pp. 586-9; IV, q. 5 (123), pp. 589-93; VI, q. 1 (302), pp. 593-4; VI, q. 2 (303), pp. 594-5; VI, qq. 5-6 (306-7), pp. 595-9; VI, q. 12 (313), pp. 599-600; VI, q. 15 (316), pp. 601-2. Como se pode notar, Porro se concentra nos livros IV e VI das *Qq. super Met.* Entre as questões não editadas por Porro, podemos mencionar IV, q. 8, e VI, q. 3, alguns trechos das quais podem ser lidos em Zimmermann (1998, pp. 237-8).

¹⁶ Ao que tudo indica, por volta da década de 1960, Raymond-Marie Giguère trabalhava em uma edição de nossas *Qq. super Met.* que, entretanto, não parece ter sido levada a cabo – cf. BATAILLON, 1960, p. 164, nt. 284; PERRON, 1961, vol. 1, pp. 3-4; BELLEMARE, 1964, vol. 1, p. 3, nt. 6; BELLEMARE, 1965, p. 546, nt. 6. Cf. tb. PORRO, 2002, p. 515.

Henrique de Gand, de maneira a poder confirmar ou não a atribuição das *Qq. super Met.* a este último. De minha parte, não pretendendo me demorar mais com o problema da atribuição. Assim, restrinjo-me aqui a mostrar como Grabmann interpreta a noção de ‘verdade’ que lê nas *Qq. super Met.*

Em primeiro lugar, destaque-se que Grabmann centra seu estudo unicamente em algumas questões do livro II de *Qq. super Met.*: “O comentário ao segundo livro da *Metafísica* ou ao primeiro livro da *Metaphysica nova* é de interesse no que tange à história das ideias e ao conteúdo, pois aqui é desenvolvida exaustivamente, em uma série de questões, a doutrina filosófica da verdade, em conexão com as palavras iniciais <sc. de *Metafísica* II>, que são citadas segundo a tradução arabo-latina” (1928, p. 73)¹⁷. Retornarei adiante ao problema da tradução da *Metafísica* de Aristóteles utilizada por nosso Autor. Por ora, concentremo-nos em compreender quais características Grabmann considera que sejam as principais na noção de *veritas* descrita em *Qq. super Met.* II.

Grabmann (1928, p. 84) inicia sua exposição destacando três trechos do f. 6vb do ms. Escorial, h.II.1: [1] “cumpre saber que este modo de ente que é significado pelo nome de ‘verdadeiro’ não é um modo do ente considerando o ente em si e absolutamente, mas enquanto é declarativo de si na alma [*sciendum quod iste modus entis qui significatur nomine ueri non est modus entis in se et absolute considerando ens, sed ut est sui declaratiuum apud animam*]” (ll. 9-11); [2] “de um modo, a verdade é dita a entidade da coisa e, nesse caso, nomeia o ente enquanto é declarativo de si na alma [*uno modo dicitur ueritas rei entitas et tunc nominat ens ut sui est declaratiuum apud animam*]” (ll. 12-3); e [3] “tome-se a verdade pelo ente enquanto é declarativo de si na alma [*ueritas sumatur (Grabmann lê *sumitur*) pro ente ut est sui declaratiuum apud animam*]” (ll. 26-7) – todos trechos de *Qq. super Met.* II, q. 1 (34). Como Porro (2002, pp. 516-7) argumenta, Grabmann parece querer destacar nesses três excertos a concepção “do ente verdadeiro como *declarativo de si na alma*”¹⁸. Essa fórmula é tomada por Grabmann como uma “definição da verdade ontológica [*Definition der ontologischen Wahrheit*]” (1928, p. 84). A verdade é aqui apresentada como uma relação entre um ente que se manifesta em uma alma e, de outro lado, a própria alma na qual tal ente se manifesta. Em poucas palavras, a verdade seria a relação entre um ente conhecido e uma alma cognoscente.

¹⁷ “Der Kommentar zum zweiten Buche der Metaphysik oder dem ersten Buche der *Metaphysica nova* ist ideengeschichtlich und inhaltlich von Interesse, weil hier im Anschluss an die Anfangsworte, welche nach der arabisch-lateinischen Übersetzung angeführt sind, die philosophische Lehre von der Wahrheit eingehend in einer Reihe von Quaestionen entwickelt wird <...>”.

¹⁸ “Grabmann fu colpito soprattutto dall’ampio spazio dedicato nel commento al problema della verità, e in particolare dalla ricorrente definizione dell’ente vero come *declaratiuum sui apud animam* <...>”.

Entretanto, tal descrição se complexifica na medida em que Grabmann vê surgir, nessa concepção de verdade defendida por nosso Autor, as figuras de Deus e dos exemplares divinos – isto é, das ideias divinas. Para Grabmann, a “relação da verdade para com Deus, para com o exemplar divino” é “bem distintamente acentuada” nas *Qq. super Met.* (1928, p. 85)¹⁹. Tal remissão a Deus diz respeito aos dois elementos da definição de verdade apresentada há pouco – ou seja, a referência a Deus é necessária para a afirmação da verdade do ente verdadeiro, mas também o é para a afirmação da possibilidade de a alma conhecer tal ente enquanto verdadeiro. Destarte, a noção de verdade exige a adição de um terceiro elemento àqueles dois – a saber, ente e alma – que líamos em *Qq. super Met.* II, q. 1 (34). Este terceiro elemento é Deus enquanto lastro metafísico da relação, expressa pela noção de ‘verdade’, entre ente conhecido e alma cognoscente.

Grabmann (1928, p. 86) encontra o fundamento para sua leitura em alguns outros excertos de *Qq. super Met.* II, dentre os quais destacaremos dois: [4] “<...> a verdade não é na alma senão pela verdade existente na coisa, segundo a qual a coisa é nata a gerar de si uma estimacão verdadeira. Porém, a verdade não é na coisa senão enquanto <esta> se conforma a seu exemplar na mente divina, do qual possui ser tal como de sua causa. Portanto, a verdade na alma e nas coisas possui naturalmente o causar-se pela causa primeira, que é a verdade primeira [*<...> ueritas non est in anima, nisi per ueritatem existentem in re, secundum quod res nata est de se generare estimationem ueram. Veritas autem non est in re nisi secundum quod conformatur exemplari suo in mente diuina a quo habet esse tamquam a sua causa. Veritas ergo in anima et in rebus naturaliter habet causari a causa prima, que prima ueritas est*]” (f. 9rb, ll. 8-12); e [5] “a primeira verdade é causa de todas as verdades, tal que tudo seja dito verdadeiro por comparação àquela verdade primeira [*prima ueritas est causa omnium ueritatum ita quod omnia uera dicuntur per comparisonem ad ueritatem illam primam*]” (f. 9rb, ll. 26-7).

Assim, se o ente verdadeiro o é na medida em que é declarativo de si na alma, agora vemos que um ente só se torna declarativo de si em uma alma enquanto é causado (isto é, enquanto é trazido ao ser) por uma causa primeira, que é seu exemplar na mente divina e que é, em última instância, a própria verdade primeira que é Deus. Como dizíamos, Deus surge como um lastro metafísico para a manutenção da relação entre ente

¹⁹ “Weiterhin erinnert die Beziehung der Wahrheit auf Gott, auf das exemplar diuinum, wie sie in unserem Metaphysikkommentar so entschieden betont wird, an ganz gleiche Gedanken in der Summa theologiae Heinrichs von Gent”. Note-se como, neste trecho, fica patente a aproximação que Grabmann pretende fazer entre nosso Autor e Henrique de Gand.

e alma estabelecida na definição da noção de verdade. Se a definição de verdade coloca em relação primeiramente somente o ente verdadeiro e a alma em que ele se manifesta, Deus surge como a causa primeira que garante a possibilidade de tal relação.

Em face dessa leitura proposta por Grabmann, Porro (2002, p. 518) adiciona mais um elemento que vem completar e complexificar a noção de verdade que lemos em *Qq. super Met.* II. Para além da referência a Deus como lastro da relação entre ente verdadeiro e alma cognoscente, Porro se dedica a uma análise mais aprofundada dessa própria relação. Para o estudioso italiano, a descrição do ente verdadeiro como ‘declarativo de si na alma’ pressupõe uma distinção entre duas acepções de verdade: “uma acepção, por assim dizer, ‘ontológica’ da verdade (o verdadeiro entendido precisamente como ente que é manifestativo de si ao intelecto) e uma ‘psicológica’ ou mental”²⁰. Ora, essa observação se coaduna bem com o que já foi afirmado acima, a saber, que tal descrição da verdade traz à baila dois elementos distintos: ente verdadeiro e alma. O que Porro parece adicionar é que, para cada um desses dois elementos relacionados, a verdade deve ser tomada diferentemente. Como base para sua interpretação, ele introduz a continuação de um trecho já citado por Grabmann (cf. excerto [2], acima): [2*] “cumprer dizer que a verdade se diz de dois modos: de um modo, a verdade é dita a entidade da coisa e, nesse caso, nomeia o ente enquanto é declarativo de si na alma; de outro modo, a verdade é dita a entidade diminuída da coisa [*dicendum quod ueritas duobus modis dicitur: uno modo dicitur ueritas rei entitas et tunc nominat ens ut sui est declaratiuum apud animam, et hec ueritas idem est cum re; alio (Porro lê secundo) modo dicitur ueritas rei diminuta (Porro corrige de *diminute*)²¹ entitas]*” (ms. Escorial, f. 6vb, ll. 12-4). Ao que parece, afirmar que o ente verdadeiro é o ente ‘declarativo de si na alma’ – isto é, afirmar aquilo que Grabmann considerava como uma ‘definição da verdade ontológica’ – pressupõe, de fato, (i) uma concepção ontológica da verdade como entidade da coisa, mas também (ii) a afirmação de uma ‘entidade diminuída’ da coisa que, como Porro explica, é a própria coisa, na medida em que possui ser no intelecto como “entidade mental enfraquecida – *diminuta* – que corresponde ao ente extramental” (2002, p. 518)²².

²⁰ “La formulazione presuppone, com’è forse evidente, la distinzione tra un’accezione per così dire ‘ontologica’ della verità (il vero inteso appunto come ente che è manifestativo di sé all’intelletto) e una ‘psicologica’ o mentale <...>”.

²¹ Um possível argumento contra a correção proposta por Porro é o fato de que a mesma expressão “*dicit rei diminute entitatem*” ressurge adiante nas *Qq. super Met.* (ms. Escorial, h.II.1, f. 72rb, l. 15) – cf. nota 26, a frente. Ou seja, nessa expressão, nosso autor parece insistir em utilizar o advérbio *diminute* e não o adjetivo *diminuta*, proposto pela correção de Porro. Por outro lado, o adjetivo *diminuto* surge na construção “*in diminuto genere entis*”, que também lemos nas *Qq. super Met.* (ms. Escorial, h.II.1, f. 72va, l. 17)

²² “<...> l’entità mentale indebolita – *diminuta* – che corrisponde all’ente extramentale”.

Em resumo, a concepção de verdade que lemos em *Qq. super Met. II* põe uma causa primeira – em uma palavra, Deus – como lastro metafísico longínquo de uma relação entre um ente fora da alma e a própria alma que o conhece. Destes dois últimos, o primeiro é verdadeiro enquanto manifesta sua entidade naquela alma; a segunda conhece a verdade enquanto possui aquele ente verdadeiro manifestado em si. Nos dois casos, verdade e ente se aproximam, porém diferentemente. Com efeito, uma vez que o ente verdadeiro deve ser tanto na alma como fora dela, é preciso distinguir sua entidade em cada caso – fora da alma, a coisa possui sua entidade própria, na alma ela possui uma entidade diminuída. Assim, a noção de ‘entidade diminuída’ torna-se um artifício metafísico fundamental para a exposição filosófica do ser que uma coisa possui no intelecto quando conhecida por este último. É para essa noção que me volto agora.

A noção de *entitas diminuta* – ou, ainda, ‘ente diminuído’, ‘ser diminuído’ – é um importante elemento da complexa recepção escolástica latina da obra de Aristóteles. Basicamente, como mostrado no clássico artigo de Armand Maurer (1950), tal expressão surge na tradução arabo-latina – a chamada *Translatio nova* ou *Translatio Scoti* – de *Metafísica VI*, c. 4 (1028a1-2)²³. Nesse trecho, no latim da tradução arabo-latina, lemos que aquilo que é causado pelo conhecimento é “num gênero diminuído dentre os gêneros do ente [*in genere diminuto generum entis*]”²⁴. Ora, vimos acima que, segundo Grabmann – e Porro o acompanha nessa afirmação (2002, pp. 515-6, 526 e 571-2) –, nosso Autor se utiliza, em *Qq. super Met. II*, precisamente da tradução arabo-latina da *Metafísica* de Aristóteles²⁵. Ou seja, a referência à noção de ‘entidade diminuída’ no livro II de nossas questões parece apontar para um diálogo com o sexto livro da obra, cujas cinco questões sobre a verdade não foram ainda consideradas por Grabmann, Porro ou qualquer outro comentador de que tenho notícia.

As referidas questões de *Qq. super Met. VI* são:

- q. 20 (321): “se o verdadeiro é nas coisas ou na alma [*utrum uerum sit in rebus uel in anima*]” (ms. Escorial, h.II.1, f. 72ra, ll. 27-8);
- q. 21 (322): “se o verdadeiro e o falso possuem ser na composição e divisão [*utrum uerum et falsum habeant esse in compositione et diuisione*]” (ms. Escorial, h.II.1, f. 72ra, ll. 44-5);

²³ Sobre as traduções greco-latinas e a tradução arabo-latina da *Metafísica* de Aristóteles em circulação no século XIII, cf. BORGIO, 2014. Para uma introdução às traduções medievais das obras de Aristóteles, cf. DOD, 1982.

²⁴ ARISTOTELES. *Metaphysicorum XIII*. (Apud Iunctas, 1562, 8), f. 152raB.

²⁵ Ainda sobre a tradução da *Metafísica* utilizada por nosso autor, cf. GRABMANN, 1928, pp. 94-7.

- q. 22 (323): “se o verdadeiro complexo possui ser na alma [*utrum uerum complexum* (lê-se *compositum* em MACKEN, 1979, vol. 2, p. 1096) *habeat esse in anima*]” (ms. Escorial, h.II.1, f. 72ra, ll. 48-9);
- q. 23 (324): “se o verdadeiro e o falso possuem ser na oração [*utrum uerum et falsum habeant esse in oratione*]” (ms. Escorial, h.II.1, f. 72rb, l. 5);
- q. 24 (325): “se o verdadeiro e o falso possuem ser no gênero diminuído de ente, como diz Aristóteles na letra [*utrum uerum et falsum habeant esse in diminuto genere entis, sicut uult Aristoteles in littera*]” (ms. Escorial, h.II.1, f. 72va, ll. 16-7).

Como podemos notar, essas cinco questões de *Qq. super Met. VI* partem exatamente do ponto em que éramos deixados no segundo livro, a saber: a afirmação de que, dada a descrição do ente verdadeiro como ‘declarativo de si na alma’, é necessário dizer que há verdade tanto na coisa como na alma que a conhece (ou, melhor, na entidade diminuída que tal coisa possui no intelecto que a conhece). Assim, *Qq. super Met. VI*, q. 20 (321) pergunta justamente se a verdade possui ser nas coisas conhecidas ou na alma que as conhece. Após reafirmar a distinção que lemos acima no trecho [2*] (isto é, aquela entre a verdade enquanto entidade da coisa e a verdade enquanto entidade diminuída da coisa na alma²⁶), o Autor se volta mais pausadamente para a exposição filosófica do ser que a verdade possui na alma. Isso abre espaço para que, nas questões seguintes, ele elabore cada vez mais precisamente o que significa afirmar que a verdade é na alma. Dessa maneira, em *Qq. super Met. VI*, qq. 21-2 (322-3), é considerada a relação entre a verdade e o complexo proposicional produzido pela segunda operação do intelecto (isto é, após a primeira operação, que é a apreensão do conceito simples)²⁷. Em seguida – *Qq. super Met. VI*, q. 23 (324) –, problematiza-se a relação entre a proposição, enquanto operação da alma, e a oração, enquanto signo pronunciado da proposição intelectual. Por fim, em *Qq. super Met. VI*, q. 24 (325), chegamos ao cume da pesquisa, quando nosso Autor busca determinar precisamente o que seria essa ‘entidade diminuída’, esse ‘ser no gênero diminuído de ente’, que a verdade possui na alma.

Enfim, parece-me que o estudo dessas cinco questões de *Qq. super Met. VI* pode ser uma importante complementação ainda inexplorada à pesquisa sobre a verdade em

²⁶ Cf. ms. Escorial, h.II.1, f. 72rb, ll. 14-5: “Similiter uerum dicitur dupliciter. Vno modo secundum quod dicit ueram rei entitatem, alio modo secundum quod dicit rei diminute entitatem”.

²⁷ *Qq. super Met. VI*, q. 1, co. (ms. Escorial, h.II.1, f. 72rb, ll. 20-5): “<...> notandum quod duplex est operatio anime. Vna est apprehendere, alia est componere uel diuidere. A prima operatione causatur uerum incomplexum <...>. A secunda operatione anime, que est componere uel diuidere, causatur ueritas complexi”.

Qq. super Met. II desenvolvida por Grabmann (1928) e retomada por Porro (2002). Tal estudo é o que proponho neste projeto, como esclareço a seguir.

4. Justificativa e objetivo do projeto:

Como pudemos ver nos itens anteriores, todos os trabalhos que se voltaram para o conteúdo de nossas *Qq. super Met.* do ms. Escorial, h.II.1, tiveram como finalidade contribuir para a discussão acerca da atribuição do texto a Henrique de Gand (como GRABMANN, 1928, PORRO, 2002 e PICKAVÉ, 2007) ou, pelo menos, as estudaram a partir de uma comparação com obras tidas como autenticamente atribuíveis a Henrique de Gand (caso de ZIMMERMANN, 1998). Por isso mesmo, o próprio texto de nossas *Qq. super Met.* sofre pela falta de estudos estritamente dedicados a seu conteúdo, sem qualquer remissão imediata à *Suma* ou aos *Quodlibeta* de Henrique de Gand²⁸. Daí, parece-me, se deriva o fato de às *Qq. super Met.* não ser atribuída qualquer relevância própria, isto é, para além do problema da atribuição de sua autoria. Prova disso é que elas nem mesmo são citadas no recente *A Companion to the Latin Medieval Commentaries on Aristotle's Metaphysics*, editado por Fabrizio Amerino e Gabrielle Galluzzo (2014).

Dito isso, o objetivo deste projeto é, precisamente, iniciar o preenchimento dessa lacuna. Assim, proponho um estudo da noção de ‘verdade’ (*veritas*), tal como desenvolvida em *Qq. super Met.* VI, qq. 20-24 (321-5), ms. Escorial, h.II.1, ff. 72ra-73rb, tomando esse texto como obra autônoma, sem referência ao problema de sua autoria. A escolha do tema central (dentre todos os possíveis em um comentário à *Metafísica* de Aristóteles) se justifica por ele já haver sido abordado, ainda que no contexto de especulações a respeito da atribuição da obra, por Grabmann (1928) e, mais recentemente, por Porro (2002). Isto é, já há uma bibliografia secundária – ainda que esparsa – com a qual interagir. Quanto à seleção do trecho basilar para a leitura da obra – isto é, o livro VI, qq. 20-24 (321-5) das *Qq. super Met.* –, ela parece se impor por ser um excerto ainda inédito e inexplorado da obra, cujo estudo certamente poderá complementar aquele já proposto por Grabmann (1928) e Porro (2002) a partir de *Qq. super Met.* II.

²⁸ O mais próximo que algum comentador chegou disso, a meu ver, são as poucas linhas sobre as *Qq. super Met.* que lemos em PICKAVÉ, 2008, p. 198-9. Aí, não obstante mencione de passagem o problema da atribuição da obra a Henrique, Pickavé estuda determinadas posições daquele que ele denomina simplesmente como “commentator”, o autor de *Qq. super Met.*, sem qualquer remissão a posições encontradas nas obras tidas por autênticas de Henrique de Gand.

5. Plano de desenvolvimento do trabalho:

A presente pesquisa dependerá fundamentalmente de dois esforços – complementares e paralelos, sem dúvida, mas metodologicamente distintos:

[i] De um lado, põe-se o problema da edição do trecho de *Qq. super Met.* a ser utilizado – o qual permanece, como já notado, ainda inédito. Não cabe propor uma edição propriamente crítica deste excerto, dada a ausência de manuscritos que transmitam outras lições suas²⁹. Propõe-se, portanto, o estabelecimento de uma versão de trabalho do texto no decorrer da pesquisa, a partir da qual se obtenha ao fim uma edição publicável que contemple *Qq. super Met.* VI, qq. 20-24 (321-5), acrescentando-lhes os aparatos necessários (de fontes e de intervenções do editor, principalmente). Quanto à transcrição do texto manuscrito, já há uma primeira versão de minha autoria, que deverá ser aperfeiçoada no decorrer dos trabalhos. Alguns dos instrumentos utilizados para tal transcrição são enumerados na bibliografia, a seguir (cf. BISCHOFF, 2009⁴, CAPPELLI, 2011⁷, DEROLEZ, 2003).

²⁹ Raymond Macken (1979, vol. 2, p. 1073) aponta duas outras possíveis fontes manuscritas que poderiam conter lições de nossas *Qq. super Met.* Ambas, no entanto, são extremamente problemáticas.

A primeira é o ms. Londres, Wellcome Libr., 333, ff. 111ra-112rb (citação esta que Macken encerra por um ponto de interrogação). Tal referência parece ter por base o catálogo de Moorat (1962, vol. 1, pp. 215-6; cf. MACKEN, 1979, vol. 1, pp. 367-8), onde afirma-se haver *Quaestiones in Metaphysicam* de Henrique de Gand no ms. Wellcome Libr. 333, ff. 111r-112v. Entretanto, o catálogo de Ker (1969, vol. 1, p. 396), também citado por Macken (1979, vol. 1, pp. 367-8), não somente registra essas *Quaestiones in Metaphysicam* como formadas pelos ff. 111r-121v e 124r-150r, mas também as deixa sem atribuição. Ou seja, para Ker não é possível atribuir tais *Quaestiones* a Henrique de Gand. A mesma posição foi assumida, recentemente, por Silvia Donati (2014, pp. 139, 159-69) que considera tal obra anônima. Enfim, parece hoje não haver mais possibilidade de ler no ms. Londres, Wellcome Libr. 333 uma segunda lição de nossas *Qq. super Met.*, pelo que ele não poderá ser uma fonte para nossa pesquisa.

A segunda possível lição de nosso texto destacada por Macken – como, também, por Lohr (1968, p. 223) – seria um fragmento de pergaminho catalogado por Lehmann e Glauning (1940, p. 84), na Universitätsbibliothek der Ludwig-Maximilians-Universität München (fragm. LXXXIII). Tal fragmento era composto de dois fôlios utilizados como contraguardas na encadernação do volume da mesma biblioteca sob nº de chamada W 2 P.eccl. 671 (tal volume contém duas obras impressas: THOMAS AQUINAS. *Super epistolas Pauli comentaria*. Parisiis, 1518 e THOMAS AQUINAS. *In evangelium beati Ioannis*. Parisiis, 1520). O problema é que, segundo nos conta Macken (1979, vol. 2, p. 1073), ao contactar a UB der LMU München, ele teria sido informado de que tal fragmento desaparecera durante a Segunda Guerra Mundial. Tendo eu entrado em contato com a mesma biblioteca, fui informado pelo seu diretor-adjunto, Dr. Sven Kuttner – a quem estendo profundos agradecimentos –, de que tal fragmento continua perdido, porém conservou-se dele um *Abklatsch* nas 2ª e 3ª capas, onde os ff. 1 e 2, respectivamente, haviam sido colados como contraguarda. Em poucas palavras, um *Abklatsch* é uma marca espelhada de tinta deixada na capa de um volume por contraguardas que, eventualmente, contenham registros escritos (cf. MELE, 2012, p. 252). Após um estudo inicial do *Abklatsch* do frag. LXXXIII da UB der LMU München (cuja reprodução digital foi gentilmente cedida pelo já citado dr. Kuttner), pude estabelecer que seu f. 1 (2ª capa do vol. W 2 P.eccl. 671) contém passagens equivalentes a ms. Escorial, h.II.1, ff.1-2, enquanto que fragm. LXXXIII, f. 2 (3ª capa do vol. W 2 P.eccl. 671) contém passagens equivalentes a ms. Escorial, h.II.1, f. 10 (inclusive um texto que parece ausente deste último). Assim, parece que o texto contido no referido *Abklatsch* do fragm. LXXXIII contém uma segunda lição (em mau estado de conservação) de trechos esparsos de nossas *Qq. super Met.* Sendo assim, ainda que fragmentária, esta lição deverá ser considerada em nosso estudo, embora não diga respeito propriamente a *Qq. super Met.* VI, qq. 20-24 (321-5), texto que nos interessa principalmente.

[ii] Em paralelo ao estabelecimento do texto – e, de fato, como atividade principal da pesquisa –, propõe-se a análise filosófica aprofundada do texto em questão. A análise pretendida já foi descrita acima e não há necessidade de retomá-la em detalhes. Cumpre enfatizar, porém, que tal análise é tributária do estabelecimento do texto, tal como este tira proveito daquela. Assim, ambos os esforços (de estabelecimento textual e de análise histórico-filosófica do texto estabelecido) serão simultâneos, viabilizando ao fim tanto uma edição do texto, como um comentário histórico-filosófico acerca dele. Resultados parciais desses esforços paralelos serão publicados e apresentados durante a pesquisa.

6. Bibliografia fundamental:

6.1. Manuscritos utilizados

Londres, Wellcome Libr., ms. 333, s. XIVⁱ (wellcomelibrary.org, ac.: 28/01/2017).

Madri, Bibl. del Escorial, ms. h.II.1, s. XIII^f - XIVⁱ.

Madri, Bibl. del Escorial, ms. X.I.17, 1577.

Munique, UB der LMU, frag. LXXXIII (*Abklatsch*), s. XIII^f. In: vol. n° W 2 P. eccl. 671 (THOMAS AQUINAS. *Super epistolas Pauli comentaria*. Parisiis, 1518 | Id. *In evangelium beati Ioannis*. Parisiis, 1520), 2^a e 3^a capas.

6.2. Bibliografia primária impressa

ARISTOTELES. *Metaphysicorum libri XIII. Cum Averrois Cordubensis in eosdem commentariis, et epitome*. Venetiis: Apud Iunctas, 1562 (Editio Iunctina 8).

HENRICUS DE GANDAVO. *Quodlibeta* <...>. 2 vols. Parisiis: in aedibus Iodoci Badii Ascensi, 1518 (reprint – Louvain: Bibliothèque S. J., 1961).

– *Summae Quaestionum Ordinariarum* <...>. 2 vols. Parisiis: in aedibus Iodoci Badii Ascensi, 1520 (reprint – St. Bonaventure: The Franciscan Institute, 1953).

– *Opera omnia*. Ed. R. Macken, G. A. Wilson *et al.* Leuven: Leuven Univ. Press, 1979- (De Wulf-Mansion Centre, Ancient and Medieval Philosophy, series 2).

6.3. Crônicas e catálogos medievais ou modernos

ANTONIUS POSSEVINUS. *Apparatus sacer. Tribus tomis distinctus*. Venetiis: apud Societatem Venetam, 1606.

ANTONIUS SANDERUS. *De gandavensibus eruditionis fama claris libri tres*. Antuerpiae: apud Gulielmum a Tongris, 1624.

CONRADUS GESNERUS. *Bibliotheca Universalis, sive catalogus omnium scriptorum*. Turigi: apud Christophorum Froschouerum, 1545.

FRANCISCUS SWEERTIUS. *Athenae Belgicae sive Nomenclator infer. Germaniae...* Antuerpiae: apud Gulielmum a Tungris, 1628.

- HENRICUS DE HERVORDIA. *Liber de rebus memorabilius sive Chronicon*. Ed. Augustus Potthast. Gottingae: Sumptibus Dieterichianis, 1859.
- IACOBUS PHILIPPUS BERGOMENSIS. *Supplementum supplementi cronicarum...* Venetiis: per Albertinum de Lissona Vercellensem, 1503.
- IOANNES FRANCISCUS FOPPENS. *Bibliotheca Belgica sive virorum in Belgio vita, scriptisque illustrium catalogus, librorumque nomenclatura Continens Scriptores a Clariss. Viris Valerio Andrea, Auberto Miraeo, Francisco Sweertio aliisque, recensitos, usque ad annum MDCLXXX*. Tomus Primus. Bruxellis: per Petrum Foppens, 1739.
- IOHANNES TRITHEMIUS. *Liber de scriptoribus ecclesiasticis*. Basileae: Iohannes de Amerbach, 1494.
- ROBERTUS BELLARMINUS. *De scriptoribus ecclesiasticis liber unus...* Coloniae Agrippinae: sumptibus Bernardi Gualtheri, 1613.
- *De scriptoribus ecclesiasticis liber unus...* Coloniae Agrippinae: sumptibus Bernardi Gualtheri, 1622².
- VALERIUS ANDREAS. *Bibliotheca Belgica...* Lovanii: apud Henricum Hastenium, 1623.

6.4. Bibliografía de apoio

- AMERINI, F., GALLUZZO, G. (ed.). *A Companion to the Latin Medieval Commentaries on Aristotle's Metaphysics*. Leiden – Boston: Brill, 2014.
- ANTOLÍN, G. *Catálogo de los códices latinos de la Real Biblioteca del Escorial*. Vol. 1 (a.I.1 – d.IV.32). Madrid: Imprenta Helénica, 1910.
- *Catálogo de los códices latinos de la Real Biblioteca del Escorial*. Vol. 2 (e.I.1 – k.III.31). Madrid: Imprenta Helénica, 1911.
- *Catálogo de los códices latinos de la Real Biblioteca del Escorial*. Vol. 5 (Procedencias. Organización y Catalogación. Índice general primitivo). Madrid: Imprenta Helénica, 1923.
- BATAILLON, L.-J. “Bulletin d’histoire des doctrines médiévales”. *Revue des sciences philosophiques et théologiques* 44 (1960), pp. 140-74.
- BELLEMARE, L. *Les “Quaestiones super VIII libros Physicorum” attribuées à Henri de Gand*. Étude sur l’authenticité de l’oeuvre. Étude et texte des Questions sur les livres I et II. 2 vols. Louvain: Université Catholique de Louvain, Institut Supérieur de Philosophie, 1964.
- “Authenticité de deux commentaires sur la physique attribués à Henri de Gand”. *Revue philosophique de Louvain* 63.80 (1965), pp. 545-71.
- BISCHOFF, B. *Paläographie des römischen Altertums und des abendländischen Mittelalters*. Mit einer Auswahlbibliographie 1986-2008 von W. Koch. Berlin: Erich Schmidt, 2009⁴ [1979].
- BORGIO, M. “Latin Medieval Translations of Aristotle’s *Metaphysics*”. In: AMERINI & GALLUZZO (ed.), 2014, pp. 19-57.
- CAFFARENA, J. G. *Ser participado y ser subsistente en la metafísica de Enrique de Gante*. Romae: apud Aedes Universitatis Gregorianae, 1958.

- CAPPELLI, A. *Dizionario di Abbreviature latine ed italiane*. Edizione ampliata e rinnovata da M. Geymonat e F. Troncarelli. Milano: Hoepli, 2011⁷ [1929].
- CUEVAS, J. Z. *Catálogo de los manuscritos castellanos de la Real Biblioteca de el Escorial*. Vol. 1 (a.I.8 – H.III.29). Madrid: Imprenta Helénica, 1924.
- DEROLEZ, A. *The Palaeography of Gothic Manuscript Books. From Twelfth to the Early Sixteenth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- DOD, B. G. “Aristoteles Latinus”. In: KRETZMANN, N., KENNY, A., PINBORG, J., STUMP, E. (eds.). *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy. From the Rediscovery of Aristotle to the Disintegration of Scholasticism 1100-1600*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, pp. 45-79.
- DONATI, S. “English Commentaries Before Scotus. A Case Study: the Discussion on the Unity of Being” In: AMERINI & GALLUZZO (ed.), 2014, pp. 137-207.
- DONDAINE, H. F., SHOONER, H. V. *Codices manuscripti operum Thomae de Aquino*. Tomus I. Autographa et Bibliothecae A-F. Romae: Commissio Leonina, 1967.
- DUIN, J. J. *La doctrine de la providence dans les écrits de Siger de Brabant. Textes et étude*. Louvain: Institut Supérieur de Philosophie, 1954.
- EHRLE, F. “Beiträge zu den Biographien berühmter Scholastiker. 1. Heinrich von Gent”. *Archiv für Literatur- und Kirchengeschichte des Mittelalters* 1 (1885), pp. 365-401; “Nachtrag zur Biographie Heinrichs von Gent”, pp. 507-508.
- GALLE, G. *Peter of Auvergne. Questions on Aristotle's De Caelo*. A Critical Edition with an Interpretative Essay. Leuven: Leuven University Press, 2003.
- GLORIEUX, P. *Répertoire des maîtres en théologie de Paris au XIII^e siècle*. 2 vols. Paris: Vrin, 1933.
- GRABMANN, M. *Mittelalterliche lateinische Aristotelesübersetzungen und Aristoteleskommentare in Handschriften spanischer Bibliotheken*. München: Verlag der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, 1928 [= In: GRABMANN, M. *Gesammelte Akademieabhandlungen*. 2 vols. Hrsg. Von Grabmann-Institut der Universität München. Einleitung von Michael Schmaus. Verzeichnis der benutzten Handschriften, Personen-, Orts- und Sachregister von Christoph Heitmann. Paderborn – München – Wien – Zürich: Schöningh, 1979, vol. 1, pp. 383-496].
- GRUBBS, F. A. *A supplement to the manuscript book collections of Spain and Portugal*. New York, 1935.
- HUET, F. *Recherches historiques et critiques sur la vie, les ouvrages et la doctrine de Henri de Gand*. Gand – Paris: De Leroux – Paulin, 1838.
- KER, N. R. *Medieval Manuscripts in British Libraries*. Vol. 1: London. Oxford: Clarendon Press, 1969.
- KOBUSCH, T. *Die Philosophie des Hoch- und Spätmittelalters*. München: Beck, 2011.
- LAARMANN, M. *Deus, primum cognitum. Die Lehre von Gott als dem Ersterkannten des menschlichen Intellekts bei Heinrich von Gent (†1293)*. Münster: Aschendorf, 1999.
- LEHMANN, P. J. G. “Quellen zur Feststellung und Geschichte mittelalterlicher Bibliotheken”. In: LEHMANN, P. J. G. *Erforschung des Mittelalters. Ausgewählte Abhandlungen und Aufsätze*. Vol. 1. Stuttgart: Anton Hiersemann, 1959² [1941], pp. 306-58 [= *Historisches Jahrbuch* 40 (1920), pp. 44-105].

- LEHMANN, P. J. G., GLAUNING, O. *Mittelalterliche Handschriftenbruchstücke der Universitätsbibliothek und des Georgianum zum München*. Leipzig: Harrassowitz, 1940 (Beihefte zum *Zentralblatt für Bibliothekswesen* 72).
- LOHR, C. H. "Medieval Latin Aristotle Commentaries. Authors G-I". *Traditio* 24 (1968), pp. 149-245.
- "Medieval Latin Aristotle Commentaries. Addenda et corrigenda". *Bulletin de Philosophie Médiévale* 14 (1972), pp. 116-26.
- MACKEN, R. "Quelques *Marginalia* de manuscrits médiévaux". *Scriptorium* 28.2 (1974), pp. 286-94.
- *Bibliotheca Manuscripta Henrici de Gandavo*. Préface de M. F. Masai. 2 vols. Leuven – Leiden: Leuven University Press – Brill, 1979 (Henrici de Gandavo Opera Omnia 1-2).
- MAURER, A. "Ensis Diminutum: a Note on its Origin and Meaning". *Mediaeval Studies* 12 (1950), pp. 216-22.
- MELE, G. "La catalogazione dei codici liturgico-musicali arborensi. Il caso di ACO, P. VI, sed. XIII^{4/4} (antifonario, Italia centro-settentrionale)". In: SANNA, M. G. (cur.) *Historica et Philologica. Studi in onore di Raimondo Turtas*. Cagliari: AM&D, 2012, pp. 248-68.
- MOORAT, S. A. J. *Catalogue of Western Manuscripts on Medicine and Science in the Wellcome Historical Medical Library*. Vol. 1: Mss. Written before 1650 A.D. London: The Wellcome Historical Medical Library, 1962.
- PATTIN, A. "Le *Liber de Causis*. Édition établie à l'aide de 90 manuscrits avec introduction et notes". *Tijdschrift voor Filosofie* 28.1 (1966), pp. 90-203.
- PAULUS, J. *Henri de Gand. Essai sur les tendances de sa métaphysique*. Paris: Vrin, 1938.
- PERRON, R. *Les livres trois et quatre des "Quaestiones super VIII libros Physicorum" attribuées à Henri de Gand*. Texte inédit et introd. 3 vols. Louvain: Université Catholique de Louvain, Institut Supérieur de Philosophie, 1961.
- PICKAVÉ, M. *Heinrich von Gent über Metaphysik als erste Wissenschaft. Studien zu einem Metaphysikentwurf aus dem letzten Viertel des 13. Jahrhunderts*. Leiden-Boston: Brill, 2007.
- "Simon of Faversham on Aristotle's *Categories* and the *scientia praedicamentorum*". In: NEWTON, L. A. *Medieval Commentaries on Aristotle's Categories*. Leiden – Boston: Brill, 2008, pp. 183-220.
- PORRO, P. "Le 'Quaestiones super Metaphysicam' attribuite a Enrico di Gand. Elementi per un sondaggio dottrinale". *Documenti e studi sulla tradizione filosofica medievale* 13 (2002), pp. 507-602.
- PUNTA, F. del. "The Genre of Commentaries in the Middle Ages and its Relation to the Nature and Originality of Medieval Thought". In: AERTSEN, J. A., SPEER, A. (Hrsg.). *Was ist Philosophie im Mittelalter? Akten des X. Internationalen Kongresses für mittelalterlichen Philosophie der SIEPM, 25. bis 30. August 1997 in Erfurt*. Berlin – New York: De Gruyter, 1998, pp. 138-51.
- SILVESTRE, H. "À propos d'anciens catalogues collectifs de manuscrits". *Scriptorium* 15.2 (1961), pp. 323-7.

- “Précisions complémentaires sur d’anciens catalogues collectifs de manuscrits”. *Scriptorium* 19.1 (1965), pp. 90-6.
- WILSON, G. A. “Henry of Ghent’s Written Legacy” In: WILSON, G. A. (ed.). *A Companion to Henry of Ghent*. Leiden – Boston: Brill, 2011, pp. 3-23.
- WULF, M. de. *Études sur Henri de Gand*. Louvain – Paris: Uystpruyst-Dieudonné – Félix Alcan, 1894 [= *Histoire de la philosophie scolastique dans les Pays-Bas et la principauté de Liège jusqu’à la Révolution Française*. Louvain – Paris: Uystpruyst-Dieudonné – Félix Alcan, 1895, pp. 46-272].
- *Histoire de la philosophie médiévale précédée d’un aperçu sur la philosophie ancienne*. Louvain – Paris – Bruxelles: Institut Supérieur de Philosophie – Félix Alcan – Oscar Schepens, 1900.
 - *Histoire de la philosophie médiévale*. Deuxième édition, revue et augmentée. Louvain – Paris: Institut supérieur de Philosophie – Félix Alcan, 1905².
 - *History of Medieval Philosophy*. Third Edition. Trans. by P. Coffey. London – New York – Bombay – Calcutta: Longmans, Green, and Co., 1909³.
 - *Histoire de la philosophie médiévale*. Quatrième édition, revue et mise à jour. Louvain – Paris: Institut de Philosophie – Félix Alcan, 1912⁴.
 - *Histoire de la philosophie médiévale*. Tome 2: De Thomas d’Aquin jusqu’à la fin du moyen âge. Cinquième édition française, revue et mise à jour. Paris – Louvain: Félix Alcan – Institut de Philosophie, 1925⁵.
 - *Histoire de la philosophie médiévale*. Tome 2: Le treizième siècle. Sixième édition, entièrement refondue. Louvain – Paris: Institut Supérieur de Philosophie – Vrin, 1936⁶.
- ZIMMERMANN, A. *Ontologie oder Metaphysik? Die Diskussion über den Gegenstand der Metaphysik im 13. und 14. Jahrhundert. Texte und Untersuchungen*. Leuven: Peeters, 1998.
- ZWAENEPOEL, J. P. “The *Quaestiones in librum De causis* attributed to Henry of Ghent according to the Escorial manuscript: an unedited text with introduction”. *Unitas (Manila)* 32 (1959), pp. 799-809.
- *Les Quaestiones in Librum de causis attribuées à Henri de Gand*. Philosophes médiévaux, 15. Louvain: Publications universitaires, 1974.